

Pontos, contrapontos, apontamentos: educação e inovação para o conhecimento

Betina Ribeiro Rodrigues da Cunha¹

O mundo contemporâneo, com suas urgências, desigualdades, incoerências, diálogos e silêncios desencontrados, carrega, na sua concretude, uma série de epítetos e jargões. Seja no âmbito das instituições, da família ou dos espaços referenciais, “Crise de valores”; “Falta de educação”, “perda de valores”, “Crise de paradigmas”, dentre tantos, acabam por caracterizar um perfil da(s) geração(ões) atual(is), deixando à lucidez e ao exercício do pensar uma reflexão que aponta para o saudosismo de algo – ideia, condição, comportamento ou filosofia – que não se (re)vive mais, que não caracteriza a época atual, nem seus valores ou prioridades. O homem vê-se compelido a comparações, lembranças afetivas e emocionais, que reconhecem as gerações e feitos anteriores como valores e condições superiores a aqueles experimentados pelas gerações atuais e seu estar-no-mundo.

Se a situação de crise é antinômica à de equilíbrio, é, por outro lado, forçoso reconhecer os múltiplos sentidos e condições pelas quais a vivência de tais situações pode incorrer. Pessoas, comunidades, ideologias e questões políticas passam do idealismo à angústia e à nostalgia, sempre interrogando as consequências da crise, das mudanças e do próprio futuro, com suas lições e acréscimos advindos da propalada crise e de seus valores ou anti-valores(?).

Se, por um lado, a crise de valores pode ser compreendida como uma insatisfação perante a impossibilidade de se realizar ou manter determinados valores defendidos, verifica-se um distanciamento entre o nível de realização e aquele de idealização dos valores pensados; por outro lado, a crise compreendida como perplexidade desenha uma confusão, apresentando uma indefinição entre as crenças e valores que apaziguam as inúmeras interrogações irrespondidas do homem moderno, alimentando, em consequência, uma crise de civilização.

Esta – insatisfação e perplexidade ao mesmo tempo – transforma-se em uma possibilidade para receber e compreender novas formas de vida, de orientação e de construção do conhecimento. Aqui, nessa nova possibilidade de experimentação da crise de valores do mundo contemporâneo, revisita-se a criatividade, a mudança e a oportunidade de se experimentar novos caminhos, na busca de uma autonomia e de uma independência solidária para o exercício do conhecimento, da cidadania e da maturidade.

¹ Prof^a.Dra. em Letras pela Universidade de São Paulo; Pós-Doutorado em Literatura Comparada pela UFRJ.

Nesse momento, a inovação, a ousadia e a visão ampla de um conjunto a ser desvelado, transformam-se em busca e aventura para o reconhecimento de novos valores, calcados em novas formas de se conhecer, interagir e se relacionar com as verdades relativas nascidas da conquista dinêmica e processual do conhecimento.

Dentre todos esse olhares e observações, o UNIARAXÁ – Centro Universitário do Planalto de Araxá – entrega aos leitores e pesquisadores mais um volume da Revista Evidência, acreditando poder, com essa contribuição, investir na compreensão e revisão das crise do mundo contemporâneo a partir da construção de caminhos e reflexões plurais que apostam na inovação e na formação de um conhecimento igualmente inovador porque nascido de uma visão interdisciplinar, dialógica e interativa entre os diversos campos do saber e da formação dos objetivos mais profundos desse conhecimento sempre inesgotável e caleidoscópico - tal como as faces dos muitos e diferentes seres que se acrescentam e se formam pela consciência emancipatória e humanizadora da palavra, do esclarecimento. Sob esse aspecto, falar de inovação em Ciências Humanas e em pesquisa, traduz –se pela constatação de que o conhecimento é uma construção

Os artigos e/ou resultados de pesquisa foram aqui apresentados segundo uma ordem ou adesão temática sendo que, no primeiro deles já se vê consolidada essa política de interdisciplinaridade, de internacionalização e inovação pretendida pelo UNIARAXA.

Em “Identificação e análise de atitudes de professores de arte portugueses sobre racismo, etnicidade e pluralismo cultural”, Anabela Da Silva Moura, PhD em Educação Artística- Surrey Roehampton University, Londres e Professora Adjunta da Escola Superior de Educação de Viana do Castelo, Portugal, apresenta uma importante, atual e sólida pesquisa, na qual analisa resultados de um projeto temático de eixo inclusivo. Trata-se da descrição de um workshop acontecido na Escola Superior de Educação de Viana do Castelo em Outubro de 1997, na Escola Superior de Educação, no âmbito de um programa de Doutorado relacionado à Educação Multicultural na Educação Artística. Trata, na verdade, da primeira etapa de uma investigação-ação que contou com a participação de professores de diferentes disciplinas e níveis de ensino, tendo as como objetivos compreender diferentes perspectivas apresentadas pelos participantes, numa discussão colaborativa relacionada com problemas de discriminação e racismo que ocorrem dentro e fora das suas salas de aula; ajudar os participantes a tomar consciência dos estereótipos e preconceitos existentes na escola e sociedade através da análise de imagens; introduzir os participantes na reflexão dos propósitos e métodos da educação multicultural; utilizar o seu conhecimento sobre o contexto educativo Português; e, finalmente, identificar as necessidades dos participantes em termos de adaptação a uma reorganização curricular, determinando os obstáculos e dificuldades que lhes pudessem surgir nos seus percursos profissionais.

Considerando uma metodologia rigorosa e uma análise amadurecida pela compreensão e entendimento dos diversos olhares, pode-se dizer que as finalidades específicas da investigação consistiram em finalizar e rever o problema da

investigação; determinar a compreensão atual dos professores sobre diversidade cultural, racismo e cultura; identificar as necessidades de formação de professores de Educação Visual e Tecnológica (EVT) relativamente a uma futura reorganização curricular no âmbito da educação artística, usando o modelo de redução de preconceitos; começar a desenvolver estratégias para a implementação de uma mudança curricular em educação artística, no domínio da educação patrimonial e ao nível do 2º ciclo do Ensino Básico; disseminar teorias e práticas inglesas e americanas relacionadas com educação anti racista e multicultural; e desenvolver a compreensão dos professores relativamente ao seu potencial contributo para a prática e a formação em Portugal.

A partir deste rigoroso elenco a pesquisadora chegou à conclusão, naquela etapa, que existe racismo em Portugal, tal como existe em todos os países do mundo, mas que ele tem características específicas, tais como atitudes de superioridade em termos de cor de pele. A legislação antirracista existe, assim como organizações dedicadas ao combate do racismo, no entanto, os professores necessitam de formação para efetivar esta legislação. Contudo, a grande questão para o Ciclo dois foi a seguinte: Como podia a educação artística desafiar perspectivas entrincheiradas e pô-las ao serviço da redução de preconceitos? Quando confrontados com o problema prático de implementação de uma reorganização curricular multicultural, os professores detectaram algumas lacunas que esperam poder ultrapassar – trabalho a ser desenvolvido em um outro momento deste eixo temático...

No segundo capítulo, Ivana Guimarães Lodi, Mestre em Educação, Professora do UNIARAXA e Coordenadora do Curso de Pedagogia desta mesma Instituição, expõe à reflexão um importante questionamento. “Sobre o ofício de Mestre – maneiras de Ser e Estar na Profissão”, é resultado de um trabalho desenvolvido com a turma de Pedagogia do Centro Universitário do Planalto de Araxá, que buscou conhecer um pouco mais sobre o Ofício de mestre. Dentre as várias atividades realizadas, foi feita uma pesquisa com 10 professores da instituição, buscando identificar algumas de suas percepções sobre o ser e viver este ofício. Desta forma, compreende-se o discutir sobre a formação para o exercício profissional e a imagem que o docente têm sobre este fazer, recuperando ou interrogando alguns sentidos e significados de sua identidade, e de sua percepção sobre o papel do professor e da educação no país.

Para o levantamento dos dados realizamos uma pesquisa estruturada com os professores participantes através de um questionário estruturado. Participaram 10 professores do UNIARAXÁ, sendo 4 homens e 6 mulheres, atuando em diferentes cursos da instituição. De acordo com estes professores, todos estão na profissão por escolha, mesmo que alguns não tenham passado pela formação de formadores. Entre desafios, cobranças, exigências e mudanças pelas quais a educação tem passado no país, muitas delas contraditórias, existe em todos eles a crença no seu exercício docente, como também esperança e determinação em fazer do seu exercício profissional uma busca pelo crescimento mútuo de todos os envolvidos e, conseqüentemente, a consciência da importância do ofício de mestre na construção de possibilidades para o exercício da cidadania.

Entretanto, é importante ressaltar que qualquer pesquisa sobre a educação e, principalmente, sobre os agentes educativos, obriga a experimentar uma nova direção para o olhar. Olhar que, como insiste a articulista, “busca desvelar muitas vezes o que o cotidiano embaça ou até mesmo banaliza”. É preciso saber deixar de lado muitas crenças enferrujadas pelo tempo, ousar revelar um universo rico em possibilidades e tantas vezes não percebidas pelo rolar da rotina que nos enreda na correria do cumprimento de tantas tarefas o que acaba atropelando o mais importante que é o humano, as personalidades, as diferenças que num ambiente educativo podem ser ricas possibilidades de crescimento nas trocas que na maioria das vezes deixam de acontecer.

Se falamos de posturas e olhares que não se embaça pelo tempo nem pela cristalização de um olhar atrofiado, A Prof^{ta}. Dr^a. Maria Celeste de Moura Andrade, do UNIARAXA, deita uma visão esclarecedora e oportuna na contribuição literária de algumas obras do Séc. XIX, especialmente MADAME BOVARY, ANA KARENINA, O PRIMO BASÍLIO e DOM CASMURRO, nas quais analisa este Séc. XIX e suas consequências sócio-culturais e históricas.

Sob o título de “O Séc. XIX: O mundo burguês/o casamento/ a nova mulher: o contexto histórico dos romances Madame Bovary, Anna Karenina, O primo Basilio e Dom Casmurro. Abordando quatro culturas diferentes, colonizadas e colonizadoras, a articulista aborda as conexões conhecimento/poder que circunscreveram a sexualidade feminina e as representações do permitido e do não-permitido neste campo, na segunda metade do século XIX. O texto mostra como o privado; entrecruzado com o social, o religioso, o jurídico, o médico e o biológico; leva à criação de discursos teóricos centrados na família. Esses discursos legitimam algumas práticas e excluem outras, num jogo complexo de mútuas influências. A literatura, para esse momento, trouxe um importante registro dessa teia de relações, muitas vezes mais verdadeiras que as emanações do vivido. Buscou-se entrecruzar elementos contidos na obra de Flaubert, Tolstoi, Eça de Queirós e Machado de Assis, que retratam o cotidiano amoroso do século XIX, inserido no contexto histórico do capitalismo europeu (França, Portugal e Rússia, com suas especificidades) e periférico (Brasil). A temática do adultério feminino presente nos romances selecionados (Madame Bovary, Ana Karenina, O primo Basílio e D. Casmurro), e a temporalidade histórica da escritura e da publicação, esclarecem a escolha, conforme realça a pesquisadora, reafirmando que, em meio aos novos mediadores culturais, já não se aceita, no séc. XIX, tal como literariamente apresentam os autores em questão, as antigas maneiras de viver, nem de morrer. Gustave Flaubert, Leon Tolstoi, Eça de Queiroz e Machado de Assis capturaram o espírito de seu tempo, sua agonia e êxtase, e, em sua genialidade, o reinventaram a seu modo, nas histórias dessas mulheres “adúlteras”. Ainda conforme a autora, só “cabe a nós, leitores, re-significá-las com o olhar do nosso tempo, essa é uma missão temerária, de cujos excessos me penitencio de antemão”.

Sob o signo da interdisciplinaridade da inclusão e da sustentabilidade psicológica dos futuros egressos do UNIARAXA, o próximo artigo deste número da Revista Evidência, “Fatores protetores contra o consumo de drogas segundo

a percepção dos universitários”, de Cláudio Luiz Neves Júnior, Mestre, professor do Curso de Educação Física no UNIARAXÁ e Cléria Maria Lôbo Bittar, graduanda do Curso de Educação Física no UNIARAXÁ, abordam, em uma sólida pesquisa, o tema das drogas no ambiente universitário. Para eles, as pesquisas que abordam sobre drogas têm sido muito pertinentes dentro da sociedade. A todo o momento ouve-se notícias de apreensão de drogas, prisões, de seu uso indiscriminado, de clínicas de tratamento e dos problemas de segurança e saúde pública, causados pelo comércio e uso abusivo das drogas no Brasil.

Com essa preocupação, este estudo buscou analisar o problema da saúde pública, ou melhor, da promoção de saúde e prevenção ao uso abusivo das drogas, principalmente em um grupo específico de estudantes universitários, ouvindo estudantes de um Centro Universitário em uma cidade do interior de Minas Gerais, buscando conhecer seus hábitos em relação ao uso de substâncias ilícitas e quais os fatores protetores que atuaram na decisão da não continuidade do uso ou, da não experimentação. Buscou também verificar, se há diferença, entre os sexos quanto ao uso destas substâncias e quanto à percepção destes fatores protetores. Aplicou-se um questionário contendo 22 questões, fechadas e abertas sobre hábitos e costumes dos alunos quanto ao uso e experimentação de substâncias lícitas e ilícitas. Responderam 128 participantes do sexo feminino (73,99%) e 45 (26,01%) do sexo masculino; (n=173). Dentre os fatores protetores elencados para este grupo, estão: decisão/vontade própria (34,36%), o papel da família (20,98%) e da informação (18,84%). Homens e mulheres apontam que a decisão final de usar ou experimentar drogas está no indivíduo, na família, na informação e no papel que a escola e a educação exercem, como fatores protetores.

A partir dos resultados encontrados, os pesquisadores afirmam que homens e mulheres apontam a decisão/vontade própria, como o principal fator protetor para evitar a 1ª experiência com drogas ilícitas. Porém esse não é o único fator protetor; apontam também a família, o papel da escola e da educação, assim como a informação - elementos essenciais na formação do indivíduo, para que possa ter a oportunidade de decidir sobre ter ou não ter alguma experiência com drogas ilícitas.

Quanto aos fatores protetores, homens e mulheres se diferem apenas quanto ao valor de importância entre escola/educação e informação. Para o grupo do sexo masculino escola/educação tem maior relevância quanto a ser um fator protetor e para o grupo feminino, a informação vem antes de escola/educação.

Ainda analisando a percepção por sexo, a maioria dos homens desta amostra que já fez uso de alguma droga ilícita e não deram continuidade ao uso, afirmaram ter tomado esta decisão por terem tido uma experiência ruim e, em segundo lugar, por terem usado apenas por curiosidade. Já no grupo feminino o uso apenas por curiosidade vem em primeiro lugar, seguido pela consciência dos riscos/malefícios das drogas ilícitas.

Ao identificarem os fatores protetores salientados pelos universitários, deve-se, conforme os autores ponderam, fazer uso, em sociedade e através das políticas públicas, destes mecanismos protetores, através de redes de apoio di-

versas para que se possa minimizar o problema do uso abusivo de drogas nesta população em questão.

O Prof. do curso de Educação Física do UNIRAXÁ, Ms. Cláudio Luiz Neves Júnior, juntamente com o aluno de graduação do mesmo curso, Bruno Baltazar dos Reis Gomes, pesquisam “A educação física escolar: inclusão, equidade e competição – Conceitos e ações” .

Para eles, as competições, sempre estão presentes nas nossas vidas e a inclusão do deficiente nas competições é um desafio. Os objetivos desse estudo são analisar a oportunidade que o deficiente tem de participar de jogos e competições representando sua escola, avaliar o conhecimento dos professores de educação física sobre o termo equidade e quantificar segundo os mesmos a participação de alunos deficientes em competições livres e para deficientes. Para a coleta de dados foi utilizado um questionário semiestruturado aplicado aos professores de educação física efetivos do 6º ao 9º ano do ensino fundamental e que atuam no mínimo há 1 ano na cidade de Araxá – MG. A análise estatística das respostas ao questionário permitiu observar que os professores tem conhecimento sobre o que significa equidade, mas não procuram participar de competições específicas para deficientes e que a equidade não é adotada na formação das equipes que representam suas escolas.

Ressaltam ainda que os participantes desse estudo apresentaram desinteresse em oportunizar aos alunos deficientes que participem de competições, principalmente se essas competições forem específicas para esse público.

Tendo em vista os olhares de inclusão dos profissionais entrevistados os autores podem dizer que a escola inclusiva e a construção de uma nova sociedade, na qual se pode haver pequenas ou grandes transformações, dependerá da atuação efetiva de todos os envolvidos, como gestores, professores, alunos, pais, funcionários, buscando a verdadeira equidade, oportunizando e conscientizando para que o aluno deficiente e o aluno dito “normal” possam participar de competições e representar suas escolas. Esse deve ser um papel fundamental do professor de educação física, ser o líder dessa mudança cultural inclusiva.

Buscando agora o foco das empresas, o Professor Ms. Waldecy Carvalho de Lima propõe um estudo de caso “O processo de internacionalização de uma empresa brasileira atuante no mercado de metalurgia e mineração – uma avaliação a partir do modelo de Uppsala.”, no qual analisa diferentes componentes e variantes, verificando a necessidade das empresas participarem do mercado externo. A própria estrutura interna de consumo de mercado propicia e às vezes exige inovações, adequações e até mesmo estratégias internacionais e inovadoras. O modelo de Uppsala possui grande relevância para o entendimento da realização de negócios internacionais. Vários autores e acadêmicos o consagram como uma das principais teorias, das mais amplas e completas.

Assim, neste artigo, estuda-se o processo de internacionalização da Companhia Brasileira de Metalurgia e Mineração – CBMM sob o enfoque do processo de internacionalização com o Modelo de Uppsala. O artigo foi caracterizado por um estudo de caso e teve como base para levantamento de dados a entrevista do Di-

retor Executivo da empresa. Por meio desse estudo, verifica-se o processo gradual de internacionalização, a forma de escolha dos locais para a expansão assim como as parcerias, levando sempre em conta o processo cíclico de aprendizagem, investimento e conseqüentemente, o tempo de experiência da empresa, as competências de seus recursos humanos e sua credibilidade no mercado. Fica claro ainda no estudo a necessidade de outras teorias como suporte ao entendimento de questões específicas do segmento da empresa. O estudo mostrou a preocupação da empresa com a necessidade de adquirir novas experiências como fator estratégico, porém com pouca preocupação em relação à concorrência, que se apresenta pequena.

As competências e conhecimentos adquiridos pela empresa ao longo de seu processo de internacionalização, assim como a qualificação de seus recursos humanos são reconhecidos como de extrema importância e como diferencial da empresa.

Portanto, o caso demonstra a aplicabilidade do modelo, apesar de se ver claramente a necessidade de lançar mão de outras teorias para um melhor entendimento do processo de internacionalização. O que se percebe é, em última análise, que outras teorias poderiam auxiliar no melhor entendimento do processo de internacionalização de empresas levando em conta as especificidades de cada segmento ou empresa escolhida.

Buscando, novamente, um outro e diferente foco humanístico, o próximo artigo, “Berna e as cartas de Clarice: um olhar comparado sobre a Cidade Sitiada de Clarice Lispector”, de Lívia Paiva Ribeiro, Mestranda em Teoria Literária pela Universidade Federal de Uberlândia, e a Prof^a. Dr^a. Betina Ribeiro Rodrigues da Cunha, analisam uma das obras de Lispector, escritora brasileira, nascida na Ucrânia e mundialmente famosa pela carga de poesia e de indagações angustiadas que permeiam sua obra. Este artigo apresenta como objetivo uma análise comparada entre as cartas e crônicas escritas pela autora Clarice Lispector durante sua permanência em Berna, na Suíça, e algumas passagens de sua obra *A cidade sitiada*, escrita nesse período e publicada em 1949. Nessa perspectiva, este artigo busca analisar alguns pontos de contato entre a obra citada e as cartas enviadas pela autora aos amigos e parentes, considerando as marcas registradas da escrita clariceana.

Sob esses aspectos, a obra *A cidade sitiada* é o terceiro romance de Clarice Lispector, escrito durante a permanência da autora em Berna, na Suíça, e publicado em 1949. Considerado pela própria autora como um dos livros mais árdios em sua elaboração, a obra retrata a vida de Lucrecia Neves em meio ao desenvolvimento imprescindível de S. Geraldo, um subúrbio que sobrevive entremeadado aos resquícios do passado e às promessas do futuro. Os anseios silenciosos da protagonista, que sonha em ver-se livre dos muros de S. Geraldo ao mesmo tempo em que se sente presa à própria monotonia, misturam-se aos demais personagens – como Perseu, Ana Neves, Efigênia, Felipe – representantes de um cenário silencioso de diálogos, mas rico em reflexões objetivas.

Clarice Lispector viveu em Berna, na Suíça, durante três anos ao acompanhar seu marido Maury Gurgel Valente em suas atividades como diplomata. A inquietude e angústia provocadas pela vivência na cidade são demonstradas

através das cartas trocadas com suas irmãs. Nessas cartas, Clarice retrata o silêncio e o tédio provocados por Berna, bem como sua dificuldade em escrever *A cidade sitiada*. A tranquilidade descrita nas linhas demonstra o ar sufocante em que a escritora vive, descrevendo a cidade como um ambiente entediante.

Nesse sentido, este artigo busca analisar os pontos de contato entre as cartas escritas por Clarice Lispector durante sua vivência em Berna e a obra *A cidade sitiada*, observando a descrição de S. Geraldo e enfatizando ainda a personagem Lucrecia e sua relação inquieta com o subúrbio em desenvolvimento.

Dentro da mesma seara teórico-crítica, Ivani Maria Pereira, também mestrande em Teoria Literária pela Universidade Federal de Uberlândia e sua orientadora, Prof^a. Dr^a. Betina Ribeiro Rodrigues da Cunha, analisam as “Contribuições de teorias benjaminianas para análises de produções artísticas modernas”, com o propósito de trabalhar as teorias de Walter Benjamin a partir de reflexões sobre composições artísticas, principalmente, literárias, dentro do contexto moderno. O foco é pensar as transformações sofridas pela sociedade e, conseqüentemente, pelas suas formas de representação que exigem das pesquisas, ou seja, das análises teóricas, uma postura mais interdisciplinar para possibilitar leituras atualizadas e coerentes com o panorama sociocultural, político, psicológico.

A eleição do crítico Walter Benjamin para evidenciar questionamentos e contribuições relevantes para a teoria literária, das quais estudiosos dessa área não podem desprezar, foi realizada por meio do conteúdo de seus ensaios. Porém, a perspectiva maior é a demonstração de que essa busca por elementos favoráveis à formação e ao trabalho do crítico pode ser aplicada em diversos materiais teóricos.

Walter Benjamin proporciona condições de identificar falhas no processo de investigação crítica de uma obra e “sugere” caminhos para compreensão do contexto literário que passa também por outros contextos e, acima de tudo, por outros conhecimentos. Então, as autoras perceberam a contribuição de uma formação interdisciplinar com suas devidas cautelas, ou seja, estabelecendo os limites.

Elas verificaram ainda que as transformações culturais que levam ao contato cada vez mais distanciado com a experiência, por consequência, com a tradição, necessitam ser examinadas pelos críticos, uma vez que, esse processo tem influenciado novas produções e modificado a maneira de compreender literatura, o que resulta, em alguns casos, prejuízos na tarefa do crítico. No entanto, o caminho ainda é o conhecimento, o questionamento e o crescimento interpretativo.

Dentro do eixo temático dos estudos literários, deve-se observar o texto “*Pride and Prejudice*, de Jane Austen, e *Bride and Prejudice*, de Gurinder Chada: uma leitura contemporânea” produzido pelos pesquisadores Mirelle Macedo Diniz, do Curso de Letras da UFU e Prof. Dr. Ivan Marcos Ribeiro, do Programa de Pós-Graduação em Teoria Literária, da UFU.

Este trabalho, alinhado com as linhas de pesquisas mais atuais da crítica contemporânea, apresenta o diálogo entre duas obras de suportes diferentes: o romance *Pride and prejudice* (1813), da escritora inglesa Jane Austen (1775-1817) e o filme *Bride and prejudice*, do diretor Gurinder Chadha, bem como as relações de produção da obra, valendo-se da abordagem intermediática. Desse modo, foi

proposto estudar os recursos enquanto meios de recontar uma narrativa em um suporte diferente daquele de origem, para então avaliar o processo de adaptação – que é o foco principal do trabalho. Portanto, a preocupação da análise não reside nas congruências de cada produção, mas sim nas diferenças que revelam mais sobre a adaptação e sobre o que ela pode acrescentar à matriz. Ambas foram destrinchadas nos quesitos tempo, espaço e personagens. E assim, constatou-se, como uma obra do século XIX pode ser retratada de forma tão atual nos filmes.

Através da abordagem intermediária, este artigo propõe analisar as relações de produção de duas obras de suportes diferentes: o romance *Pride and prejudice* (1813), da escritora inglesa Jane Austen (1775-1817) e o filme *Bride and prejudice*, do diretor Gurinder Chadha.

Assim, propomo-nos a estudar os recursos enquanto meios de recontar uma narrativa em um suporte diferente daquele de origem e atentaremos aos itens narrativos presentes e ausentes em cada mídia, para então avaliar o processo de adaptação, que é o foco principal do trabalho.

Ao discutir a questão da adaptação citamos, principalmente, Stam (2008, p.20), ao afirmar que “fidelidade não é um princípio metodológico [...] Uma adaptação é automaticamente diferente e original devido à mudança do meio de comunicação” e Diniz (2005, p.30) que afirma que “A tradução é um texto alusivo a outro texto, que mantém com ele uma determinada relação ou que ainda o representa de algum modo”.

Seguindo essa filosofia, a preocupação da análise não reside nas congruências de cada produção, a saber, a obra e o filme, mas sim nas diferenças que revelam mais sobre a adaptação e sobre o que ela pode acrescentar à matriz. Ambas serão destrinchadas nos quesitos de tempo, espaço, ação, personagens e imagens, incluindo detalhes como caracterização o espaço e das personagens. Em suma, verificou-se o modo como a adaptação foi estabelecida e porque foi produzida dessa forma, considerando os aspectos narratológicos de cada obra separada, bem como as conseqüências da adaptação depois de seu término.

O artigo seguinte, “A visão social: Hilda Hilst e a velhice da Obscena Senhora D”, de Francisco Norberto Moreira da Silva e Vicente de Paula Faleiros, professores da Universidade de Brasília, trata, com maestria, de uma das grandes personalidades literárias do sec. XX., encarando, com igual maestria, a questão da sexualidade. O estudo foi desenvolvido numa dinâmica qualitativa e favorecido por um viés bibliográfico, que se propôs a investigar e a refletir sobre a questão da sexualidade do ser idoso, por meio do corpo, tempo e envelhecimento, a partir de fragmentos da obra: *A Obscena Senhora D* da eminente escritora Hilda Hilst. A leitura hilstiana permite verificar o discurso da escritora, que apresenta um olhar crítico sobre a velhice em que a sexualidade do idoso é o ponto chave para falar das questões ligadas ao corpo feminino, para mostrar uma visão estigmatizada e preconceituosa que a sociedade possui em relação à pessoa senescente.

Sob esse aspecto, as configurações específicas corpo-tempo-envelhecimento são utilizados na interação da personagem Senhora D com os processos de influências sociais, ou seja, como essa velha senhora estabelece comunicação com

o outro. Hilda quer mostrar, em sua obra, um lugar de fala de alguém que se isolou do mundo e passou a morar no vão da escada, a Senhora D (derrelição, abandono) aparece como uma velha gasta, inativa, aquela que perdeu o status de objeto do desejo – a virilidade e desejo masculino são satisfeitos com as mais novas.

A linguagem de Hilst mostra certo ornamento, tornando o texto por vezes hermético. Há aí, porém um contraponto, pois a predominância da imagem e da metáfora dá ao texto precisão e clareza. Outro aspecto textual é a reflexão sobre o processo do envelhecer, do lugar do idoso na sociedade, a reflexão se faz necessária ao leitor que é hipnotizado por uma quebra na linearidade dos fatos ficcionais.

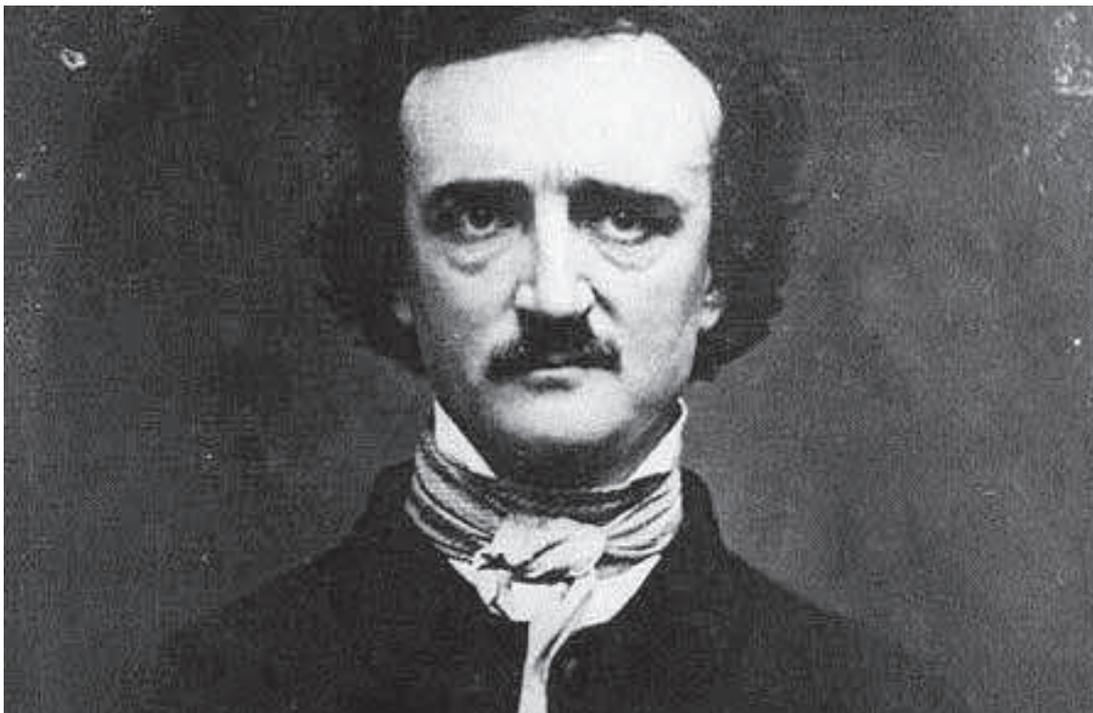
A sexualidade na escrita Hilst aparece para falar do corpo do idoso, sexo, animais e escárnio. Os diálogos de Hillé com o marido morto Ehud funcionam como chave para entender o processo de envelhecer: o corpo e a carne como resposta ao eterno conflito do homem com a certeza da existência (tempo).

Os questionamentos da Senhora D em relação à vida e à morte acontecem em um texto híbrido entre obsceno – e pornográfico. Assim o discurso se configura no próprio corpo da personagem Hillé, pois gruta e escada são movimentos opostos em que a personagem tenta inserir seus desejos mais pulsantes sobre a existência, seus provocativos gestos, são delineados de tal forma que se reflita sobre a solidão e a extrema delicadeza de uma existência simbólica na velhice.

Hilst leva a uma compreensão do mundo representável que inclui o sujeito. É preciso entender as manifestações do corpo, em que também se inscreve a história desse ser que envelhece. Pois a velhice não é apenas uma condição aparente ou limitação física, ela é na verdade um conjunto de fatores.

Assim, com bastante pertinência, este estudo aponta a necessidade de serem incentivadas e verdadeiramente desenvolvidas produções acadêmicas que versem sobre a questão do corpo, o tempo e a sexualidade da pessoa idosa na literatura brasileira, contribuindo dessa forma para as atuais investigações de caráter gerontogeriatricas.

Finalmente, encerrando esse volume dedicado à inovação e ao conhecimento, a resenha do conto “A carta roubada”, de Edgar Allan Poe, proposta por Rafael Geraldo Vianney Peres, Mestrando do Programa de Pos-Graduação em Teoria Literária da UFU e o Prof. Dr.Ivan Marcos Ribeiro, do mesmo Programa,



Edgar Allan Poe 1809-1849. <http://www.poetryfoundation.org/bio/edgar-allan-poe>. Daguerreótipo de 1848.

Esta resenha tem como objetivo analisar o conto *A carta roubada*, de Edgar Allan Poe (*Histórias extraordinárias*. Seleção e trad. José Paulo Paes. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.), tendo em vista a avaliação do caráter romântico da obra, em detrimento dos moldes científicos provenientes da aristocracia. Com a ascensão da burguesia no final do século XVIII e sua consolidação em meados do século XIX, um novo modelo cultural, filosófico e político passou a confrontar a aristocracia decadente. Contudo, os métodos científicos desta continuaram a ser cultuados, sendo mais incisivos do que outrora. Houve então, a partir daí, um intenso conflito entre o Romantismo em voga e o cientificismo arbitrário e racional. É uma leitura bastante ininteressante e esclarecedora de momentos históricos alinhavados por representações literárias.

Com esse conjunto de artigos e resenha, o M. Reitor do Centro Universitário do Planalto de Araxá, Prof. Me. Válder Gomes, acredita contribuir para novos campos e diálogos na pesquisa, cuja interação de conhecimentos coloca esse periódico no rol de uma das revistas regionais mais ousadas e sérias.

Portanto, resta agradecer profundamente a todos aqueles que confiam na Revista e no seu destino sempre vencedor. Receber artigos e contribuições de tal categoria é, mais do que tudo o reconhecimento de um futuro promissor e a certeza do papel que as Instituições tem no desenvolvimento das investigações e reflexões contemporâneas.

Obrigada e boa leitura a todos!!!!!!!

Betina Ribeiro Rodrigues da Cunha

